

TRIBUNA LIVRE

28
FEVEREIRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

O Sentido da nossa Colaboração na Política

Todo o homem, mais conscientemente e menos, aspira a fazer valer os seus direitos e tem desejo de que os actos — sejam os seus, sejam os dos outros — bem como os factos sociais sejam julgados, apreciados, submetidos a juízos de valor e, assim, aprovados ou reprovados.

Para certa categoria de actos e factos e para certa posição dos sujeitos há órgãos — mormente os tribunais — que foram colocados em situação de coercivamente imporem a seus juízos de valor, depois de julgarem os factos que lhes são levados. E os indivíduos dessa categoria ou nessa posição de sujeitos têm a faculdade de submeter a esses órgãos os factos ou actos que, em seu entender, reclamam julgamento para serem louvados ou punidos.

Há, porém, factos e categorias de sujeitos a que e a quem se não pode levar a julgamento, ou para os quais não existem órgãos julgadores capazes de coercivamente imporem a justiça.

Se o meu vizinho ou até um cidadão de Vila Real de Santo António ou mesmo um estrangeiro me ofenderem na pessoa ou no património, ou até lesarem, já não a mim, mas a sociedade, em certas circunstâncias, eu posso obrigá-los a ser julgados e impôr-lhes as exigências e satisfação da justiça.

Mas se a estrada de Barcelos a Esposende estiver em condições tão más que cause danos patrimoniais e até morais a mim ou ao público, se o Ministro da Economia mandar misturar no azeite óleo de amendoim, se a União Indiana usurpar e saquear um território português, ou se a Rússia ocupar militarmente a Hungria e assassinar a população indefesa, nem eu posso nos primeiros casos obrigar coercivamente a Junta Autónoma ou o Ministro a agirem de outra forma, nem, nos outros casos, governo algum consegue — a não ser vencendo a força pela força — impôr a justiça.

Mas o certo é que, quer os indivíduos, quer as nações, vivem e anseiam pela realização da justiça.

À falta de um órgão hierárquico a que recorra e de um juiz autorizado e reconhecido que julgue, todos apela para aquele juiz e para aquele tribunal que se chamam a *consciência pública*, e *senso comum*, a justiça considerada num estádio superior de abstracção.

Os estados, perante a injustiça e lesões de direitos, criam organismos em que se reúnem e em que aprovam moções de censura que fazem chegar através de adequados meios de pu-

«A Tribuna Livre» inicia hoje a publicação de alguns trabalhos apresentados nas habituais reuniões da Imprensa Regional do Distrito.

Neste número, começamos a publicar «O Sentido da nossa Colaboração na Política», do Dr. António José da Costa.

Vem, a seguir, nos próximos números, trabalhos do P.º Alberto da Rocha Martins, Dr. José Bernardino Amândio, Jerónimo de Castro, etc. etc.

Ver, pois, os números seguintes de «Tribuna Livre».

blicação ao conhecimento do juiz universal, quer este tenha ouvidos em Paris ou Lisboa, quer os tenha espalhados no Quênia ou na Malásia.

(Continua na 6.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

* * *

Seramil não tem «estrada nova» nem estabelecimentos comerciais, seja «vendas», como lá dizem; todos os caminhos vão dar à igreja, ao monte e aos campos, extraordinariamente aos concorridos mercados da redondeza, aonde um formigueiro humano concorre, a levar e a trazer, abastecendo-se.

A caminho da feira, à cabeça das briosas camponezas, vai o açafate tecido das varas de salgueiro, aproveitadas no tempo da poda; sob a toalha alvíssima de linho caseiro, corada ao sol nas leiras ribeirinhas, leva os «quartos» de milho, centeio ou feijões, às vezes o galo cantador, cauda e cabeça erguidas a mostrar a valente crista sanguínea; no regresso, o bacalhau com o rabo de fora e o mais indispensável ao casal agrícola, que o bom tacto administrativo traz sujeito a rigoroso orçamento; o canastro, a adega, e a salgadeira providenciam no essencial.

População constituída por um bom número de ra-

(Continua na 4.ª página)

CARTA de VIEIRA do MINHO

Um Depoimento

A verdade, no dizer dos dicionários, é a conformidade do facto narrado com a sua realidade. Na maior parte das vezes chama-se verdade à narração conveniente e para se iludir o leitor usam-se os mais diferentes meios de deturpação.

Pertence ao homem independente discernir no meio da confusão que quase sempre lança o menos verdadeiro, confrontando com serenidade, lendo nas entrelinhas.

«O caso de Vieira» apaixonou a opinião pública, tornou-se assunto obrigatório de todas as conversas e esgotou duas edições deste semanário. O público está habituado a ouvir dizer que as coisas se passam, mas raramente lê que elas passam. A grande maioria aplaudiu, alguns lamentaram que se deixem as coisas chegar a este ponto e um pequeno número entende que é preciso calar tudo, não vá chegar-lhe a vez.

Também queremos fazer o nosso depoimento. Sereno, sem palavras a que falte a sensatez, com a clareza que torna as coisas indiscutíveis. Como não conhecemos todos

(Continua na 4.ª página)

Notícia Agradável

Como se tem frisado em várias ocasiões, torna-se em cada ano um problema, a organização de comissões capazes de levar a efeito os Festejos Antoninos, motivo pelo qual recebemos com muito agrado a notícia de que o Senhor Manuel António Alves Martins aceitou a presidência das Festas para 1961, ano em estará novamente entre nós.

Pelo dinamismo revelado desde há muito na importante empresa Martins & Almeida, de Angola, de que é sócio, muito dele há a esperar em todos os sectores da vida social, devido à sua juventude aliada às qualidades de homem activo. Amares, que actualmente se renova para voos mais largos, precisa de homens trabalhadores que animem os quadros das suas actividades em prol do bem comum e do bom nome da terra em que nasceram.

As Festas são um grande cartaz turístico do Concelho, que merecem carinho, e ainda bem que se vai atingindo, plenamente, este objectivo.

(Continua na 5.ª página)

OS SECRETÁRIOS DAS CÂMARAS

POMO DE DISCÓRDIA...

Não escrevemos para que nos prestem vassalagem, tanto mais que aos nossos escritos preside sempre a recta intenção e o desejo de podermos contribuir com a quota parte do nosso esforço para o revigoramento duma política, da «nova política» que está a dealbar.

Esta a introdução a propósito das palavras sensatas, clarividentes e oportunas do Senhor Ministro do Interior quando da posse de novos Governadores e nos distritos onde começou o saneamento político-administrativo.

Na verdade, as palavras de Sua Ex.cia constituem sentenças luminosas, são programa que realizado muito pode contribuir para a valorização e reajustamento du-

(Continua na 5.ª página)

Congresso Histórico de Portugal Medieval

A Câmara Municipal de Braga, por iniciativa da Delegação Bracarense da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e na sequência de um vasto programa de estudos, na realização do qual já se efectuaram outros Congressos, ou Colóquios, em anos anteriores, promove na cidade de Braga, com princípio em 6 de Novembro do corrente ano, um Congresso, que abrangerá a História de Portugal Medieval e as suas

(Continua na 2.ª página)

MORREU GAGO COUTINHO

A notícia da morte de Gago Coutinho correu célere por todo o mundo lusiada.

Faleceu já com 90 anos, mas ainda de posse das faculdades intelectuais e confortado com os sacramentos da Santa Mãe Igreja, como não poderia deixar de fazer quem levando nas asas gloriosas a Cruz de Cristo, abriu novos rumos à navegação aérea e voltou a lembrar com o feito da travessia do Atlântico Sul a nossa gesta gloriosa que inclui a descoberta do Brasil.

Sábio e marinheiro, serviu-se de todos os seus recursos para unir Portugal e Brasil com a mesma generosa força de vontade e amor à causa da

comunidade, com que havia enlaçado as duas nações irmãs com o seu heróico voo.

A sua vida e a sua morte foram iguais em grandeza espiritual e ao saber-se do infausto acontecimento, cobriram-se de luto os corações de quantos o admiravam e estimavam como verdadeira relíquia: este sentimento correu mundo, porque a vida de Gago Coutinho tem significado universal.

Oportunamente, voltaremos a exaltar a figura e abra de Gago Coutinho, com o relevo que merece. Com esta pequena nota quisemos apenas assinalar o seu grande voo para a Eternidade.

25 anos da Acção Católica Portuguesa

Peregrinação a Fátima

A Acção Católica Portuguesa promove uma peregrinação a Fátima nos dias 4 e 5 de Abril do ano corrente, integrado nas comemorações jubilares das suas «Bodas de Prata».

Os cento e dois mil filiados do Movimento apostólico, pelo condicionalismo da vida, não poderão estar todos presentes na Cova da Iria, nessa jornada de fé e amor, mas todos, sem excepção, serão peregrinos a vibrar em uníssono com os que ajoelharem em Fátima no solar da Padroeira bem-amada.

Todas as estradas e caminhos de Portugal vão rezar e cantar um hino de acção de graças pelo novo «Pentecostes» descido sobre a lusa Grei. Homens, mulheres, rapazes e raparigas, deixarão as suas terras para subirem a serra de Aire em autêntico espírito penitencial de peregrinos: não de simples excursionistas.

Mais do que os seus fochos acessos, a espancaram as trevas da noite, com suas cintilações de magia, valem as chamas da fé—que os mesmos simbolicamente — trazem na alma dos seus portadores.

A preparação da peregrinação—reservada só aos filiados, suas famílias e mais pessoas pelas quais eles se responsabilizem—está a ser feita há muitos meses e continua em ritmo intenso nas várias secções do País, dentro daquele espírito de aperfeiçoamento que a vivência das comemorações implica. Não queremos comemorações que constem e que passem; queremos, sim, uma renovação de vida que se concretize em doação interior e em acção exterior nos indivíduos, nas famílias e na sociedade. Uma peregrinação recreio, uma peregrinação passeio, não passaria de fogo-fáctuo ou foguete de lágrimas a chamar as atenções e a dar nas vistas. Por isso, se torna não só necessária mas indispensável a sua preparação em clima de exigência, não perdendo nunca de vista que as manifestações exteriores só valem na medida em que são fruto de convicções íntimas.

Para manter e fomentar o espírito de unidade na dita Peregrinação, durante a viagem, osromeiros serão ajudados através da Rádio que periodicamente dará aos vários autocarros um programa do oração, música e meditação. Todos beneficiarão largamente desta iniciativa, evitando-se assim exclusivismos, para melhor se viver o lema de toda a Acção Católica: *Cor unum et anima una*. Dentro do mesmo pensamento, em Fátima, haverá uma só voz e não várias vozes, uma só vontade e não várias vontades, um só acto colectivo e uma só Peregrinação, porque uma só disciplina, uma só pontualidade e uma só Acção Católica.

A nossa presença na Peregrinação com o Venerando episcopado à frente, não sig-

nifica apenas gratidão por todos os favores recebidos nestes vinte e cinco anos de existência. Isso, que sem dúvida é muito, está longe de ser tudo.

Neste quarto de século, a pleiade de Assistentes, Dirigentes e Militantes de todos os planos e «meios», que pela Acção Católica passou com generosidade de sangue, constituiu uma bênção.

Foram eles os pioneiros do Movimento Apostólico Nacional, único na história de Portugal. Uns morreram já, outros inutilizaram-se e outros ainda servem a Causa sacrossanta desde a primeira hora, quer na A.C. quer nos vários postos onde a Igreja os colocou. Lembra-los em Fátima nessa data jubilar, é mais do que simples gesto do cortezia sentimental; é, sim, imperativo de justiça, e nobreza de sangue ir-mão.

Porém, o significado da nossa presença na Cova da Iria vai mais além; tem jeito de ofertório e de promessa também: ofertório da nossa actualização de métodos, estruturas e renovação constante para responder aos problemas que se põem à Igreja no nosso tempo e os resolver com acerto; ofertório da nossa dedicação, esforço e sacrifícios sem medida, com vistas largas de mobilização eclesial; mas promessa também de formar novas elites de militantes e dirigentes às quais se possa confiar o facho apostólico com todas as responsabilidades inerentes. É, portanto, de gratidão, presença e promessa a peregrinação da Acção Católica a Fátima. Nisto, reside toda a sua transcendência.

Terminada a peregrinação, inicia-se uma nova fase na vida da A.C. em Portugal, havendo razão para perguntar se a peregrinação acabou lá, ou se de facto de lá partiu para novos e ousados cometimentos.

25 anos de Acção Católica Portuguesa

NOTICIÁRIO

—Para a grande Peregrinação Nacional da Acção Católica Portuguesa a Fátima, a realizar em 4 e 5 de Abril, devem os interessados dirigir-se às Secções paroquiais da Acção Católica.

—A inscrição na peregrinação faz-se em boletim próprio, a entregar juntamente com a quantia de 6\$00. A inscrição dá direito ao emblema da peregrinação, ao «Manual do Peregrino» e a uma vela com copo.

—O prazo para a inscrição termina em 15 de Março.

—A Emissora Católica Rádio Renascença transmite aos sábados, às 19 horas e às quartas-feiras, às 22,15 horas, programas dedicados ao jubileu da Acção Católica Portuguesa.

MANHÃ DE SONHO

Ainda mal se distinguiam
D' Aurora, ao longe, os clarões,
E já dos cantores alados
As matutinas canções
Os meus ouvidos ouviam
Atentos, maravilhados!

Num instante então abri
De par em par a janela;
No firmamento brilhava
Uma derradeira estrela,
Que logo apagar-se vi
Quando, pálido, a fitava!

A lembrarem diamantes
Do mais intenso fulgor,
Do rocio as gotas frias
Cintilam em cada flor;
Badalam sinos distantes
A hora d' Avé-Marias!

Já nos rústicos caminhos
Passam, a rir e a cantar,
Os camponeses que vão
Os seus campos amañhar;
Aos ombros levam ancinhos,
A enxada e o alvião.

Agora, ao cume da serra,
Qual gigantesco farol,
Chegou rasgando as neblinas
O disco rubro do sol,
Que incendiou toda a terra
De labaredas divinas!

E a orquestra das avezinhas
Que há pouco me despertou?...
Em alegre chilreada
Voando se dispersou
Pelos campos, pelas vinhas
Desta terra abençoada!

U E R B A

Congresso Histórico de Portugal Medieval

(Continuação da 1.ª página)

relações com as Histórias particulares coetâneas doutras Potências.

Este Congresso o leva a Câmara Bracarense a efeito em colaboração com a Faculdade de Filosofia, a Associação Jurídica e a Delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Institutos Bracarenses, dando também ao mesmo Congresso especial cooperação o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, assim como lhe dão o seu concurso importantes Instituições científicas e Universidades e Academias nacionais e estrangeiras.

Tem por fim este Congresso contribuir para o esclarecimento científico e historiográfico do período da Idade Média portuguesa, naquilo que respeita não só à formação da Nacionalidade mas também à sua projecção na História Universal.

A Secretaria Geral do Congresso, instalada na Câmara Municipal fez distribuir já duas circulares, com os respectivos boletins de inscrição, enviadas a historiadores nacionais e estrangeiros, assim como às nossas Universidades, Estabelecimentos de Ensino, Academias e Institutos, e similares de outros países. O número de adesões recebidas é já muito elevado, figurando nele muitos dos mais ilustres nomes não só de Portugal, mas também do Brasil, Espanha, França, Inglaterra, Itália, etc...

A primeira circular inclui o temário do Congresso, a segunda publicou o seu programa geral. Dentro de pouco tempo será distribuída a terceira circular.

Visado pela Censura

A verdade e a só verdade

A primeira página do Diário de Notícias, de 15 do corrente, transcreveu as afirmações do nosso Ministro da Presidência na inauguração da exposição do Fundo de Fomento, afirmando com clareza: «Crítica é denunciar o mal, para que se corrija; é realçar o bem, para que o louvor sirva de estímulo. Assim concebida, a crítica é para nós a condição indispensável de progresso e de acerto.»

Quem critica publicamente assume uma responsabilidade e evita fraquezas ou omissões comprometedoras de um homem ou de uma Nação. O homem que governa é susceptível do erro que pode prejudicar a sociedade. O homem que critica o erro é o amigo do bem estar de ambos. Sendo assim, a crítica construtiva, já há muito admitida, foi agora recomendada como salutar aos princípios que informam o interesse Nacional defendido por todos aqueles que aceitam cargos de responsabilidade. No labirinto político e governativo são muitas as entradas e poucas as saídas. Há necessidade de vigiar atentamente a qualidade dos artistas que no palco procuram desempenhar os seus papeis. Só de perto as qualidades e os defeitos podem ser conhecidos nos artistas que se propõem construir uma obra e essas observações, muito de carácter local, devem competir a quem se interessa por si e pelos outros, mas perto e com independência para salvar quem procura acertar. Esta missão ou acção política compete à imprensa mediana agora chamada e ouvida nos seus clamores provincianos, pedaços heterogêneos de uma Pátria uniforme.

Elísio Gonçalves



BELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 Braga

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em
COUCIEIRO—VILA VERDE

TRIBUNA do CONCELHO

A Electrificação do Concelho

DA REDACÇÃO

Vem este jornal publicando, nos seus últimos números, várias notícias sobre a electrificação do Concelho, especialmente da parte norte, que os povos interessados solicitam sem cessar.

Antigamente, numa época que não vai muito longe, só nós pugnávamos por essa realização, chamando a atenção de quem de direito.

Desde a sua posse, o actual Presidente do Município tem dedicado ao problema o melhor da sua atenção, estudando-o e apresentando-o aos poderes públicos, sendo a sua acção a causa de o lembrar e, daí, das notícias.

Todos lhe estão gratos e não obstante as inúmeras dificuldades que o problema apresenta confiam em que lhe dará solução. As notícias não escondem, por vezes, uma certa crítica á acção anterior que tornou possível este estado de coisas e pode quem não esteja integrado no problema e não viva as oscilações políticas do Concelho pensar que as referências visam o actual Presidente.

Como todos sabemos cá dentro e é preciso que se saiba lá fora, não é assim. A actual gerência da Câmara deve-se o acordar do problema e uma acção continua em querer resolvê-lo. Deve-se ainda, o dealbar da esperança na sua solução e em muitas mais.

Efectivamente, a sua acção tem sido continua e dedicada na solução a que todos aspiram.

DE CAIRES

Baptizado

No passado Domingo foi solenemente baptizado o menino Alexandre Pala da Silva, filho de Carlos Cândido da Silva e de Delfina Bernardina da Silva Pala. Foram padrinhos o Senhor José Joaquim de Araujo Andrade, residente em Lisboa, na Rua Condessa do Rio-18-3º., representado pelo nosso bom amigo Cândido Alves de Andrade e a gentil menina Maria Izaltina Araujo Andrade, residentes em Portela, no lugar do Sernado.

É uma família pobre, mas numerosa e digna de muita consideração e estima. Ao recém-nascido, pais e padrinhos, as nossas felicitações.

Missa de Sufrágio

Foi muito concorrida a missa do 7º. dia pela alma de Adelaide Rosa Ribeiro falecida em Dornelas, estimada sogra do nosso Sacristão-mor-Adelino Silva. A toda a família as nossas bem sentidas condolências.

Casa Nova

Está quase concluída uma outra casa nova no lugar do Paço, e que pertence ao Senhor Adelino Ferreira Rodrigues e sua família.

Fica boa, de segura construção, com bastantes divisões e higiénica, graças ao tio Carlos Rodrigues. A obra do Gaiato também apareceu ao Telhado.

Parabéns. É justo que cada lar cristão, tenha a sua casita para viver.

Récita

Os nossos briosos rapazes andam a preparar uma récita,

um teatro de formação moral, civil e religiosa para alegria do nosso povo.

Doutrina

Neste tempo da Quaresma, a doutrina para as crianças é mais cuidada e mais concorrida. São 300 crianças que aparecem e 15 catequistas de ambos os sexos que, em grupos de 20 ensinam a doutrina, obra esta que é a mais necessária de todas.

Casamento

O nosso bom amigo africanista José Custódio Antunes de Almeida de visita a seus bons pais, da casa do Padrão, desta freguesia, vai brevemente realizar o seu auspicioso enlace com a prendada e gentil menina Águeda Nogueira da Costa do lugar de S. Pantaleão da freguesia de S. João da Balança, Terras de Bouro. Desde já lhes desejamos muitas felicidades, um longo porvir nas terras de Além Mar.

C.

Defesa Civil do Território

Tendo-se suscitado dúvidas, em certos meios menos esclarecidos do público, sobre a possibilidade de os agentes da D. C. T. ou aqueles que se propõem inscrever-se nos cursos, serem, depois dos mesmos concluídos, destinados para serviço no estrangeiro ou, por qualquer forma, afastados dos seus lares ou das suas ocupações normais, informa-nos a Defesa Civil do Território, que estes boatos são tenciosos e totalmente distituídos de fundamento.

BOURO

Se todos os homens quizessem...

É já muito conhecido o direito que nos assiste, para bem merecermos o almejado benefício da electricidade. Mais uma vez foi confirmado, mesmo nas colunas deste semanário, pelo meu caro confrade Senhor Elisio Gonçalves. Como este, estou certo, que muitos outros homens pensarão, e só uma baixa mentalidade poderia de tal discordar.

Desde há muito que vivemos de esperanças, as quais se avivaram nestes últimos tempos, porque tudo nos parecia encaminhado para ainda no ano corrente gozarmos tão auspicioso melhoramento. Porém, os acontecimentos repeliram os nossos desejos, e aquelas esperanças que alimentamos há já cerca de 15 anos, desvaneceram na quase totalidade quando surgiu a desoladora notícia que seria Bouro a última freguesia do concelho a electrificar.

A noticia criou no nosso povo, uma onda de verdadeira consternação que logo a junta de freguesia sufocou, com o recurso a Sua Excelência, o Ilustre titular da Economia. A decisão deste estadista dará o desfecho final ao magno problema que tanto merece solução, e entretanto, recuperamos as esperanças, agora ainda mais vivas, dado que o assunto chegou à Entidade mais competente para o resolver.

Lamentamos apenas, que todos os homens de Bouro — alguns bem destacados — confiassem tão cegamente naquela falsa promessa e deixassem decorrer um período de 15 anos, para fazer a exposição, que mesmo agora foi bem necessária.

Além destas, muitas outras podemos lamentar, mas...

Notemos que se há dez, ou mesmo há cinco anos, alguém tivesse a iniciativa de recorrer onde recorrem agora, tenho a absoluta certeza que Bouro já estava hoje electrificada. Mas, como infelizmente tal não aconteceu, continuamos a viver na esperança dos melhores dias que o futuro nos vai proporcionar.

O dinamismo de certos Bourenses que bem conhecemos e a preciosa colaboração da nossa gente moderna, podiam contribuir para que Bouro atingisse um futuro brilhante, destacando-a entre outras progressivas freguesias. Mas sem um princípio não é possível a finalidade, e entretanto, vemos ausentarem-se os nossos homens de amanhã, faltando-nos assim a preciosa colaboração que podiam prestar-nos.

Resta-me dizer apenas: Assim o querem...

Ao Senhor Elísio Gonçalves,

que provou evidentemente o seu interesse pela electrificação de Bouro, um sincero muito obrigado, deste seu confrade, e como o tempo não chega para mais, permita-me que lhe repita:

Se todos os homens quizessem...

A. Fernandes

Goães

Casamento

No passado dia 7 de corrente, consorciou-se nesta freguesia a menina Adelaide de Jesus de Campos, filha dos Senhores Manuel de Campos e de Maria de Jesus de Oliveira, do lugar da Venda, com o Senhor José Augusto Xavier, filho do Senhor Carlos Angelino Xavier e de Teresa da Conceição Dias do lugar da Lages. No fim das cerimónias foi oferecido aos convivas um lauto banquete á usança desta terra. Desejamos ao novo lar as maiores felicidades.

Baptizado

No dia 10 do corrente recebeu as águas lustrais do Baptismo o menino Manuel Luiz de Oliveira Martins, filho dos Senhores Avelino António Martins e Avelina Rosa de Oliveira, lavradores caseiros do lugar das Lages. Apadrinharam os irmão do neo-baptizado, Maria e Augusto de Oliveira Martins. Sendo este o sétimo filhinho que Deus lhe deu e lhe encha o lar de bênçãos do Céu.

Fracos brinquedos

No dia de Carnaval uns meninos do lugar da Venda chamando por um seu companheiro e como este lhe não falou, puseram fogo a uma pequena bomba e jogaram-na sobre o telhado do seu companheiro, e veio a rebentar em cima do telhado, deitando algumas telhas abaixo que por um pequeno espaço feriam um bebé de poucos

(Continua na 4.ª página)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos :

Hoje—A Snra. D. Maria de Fátima Pinheiro Calheiros de Abreu, o Snr. Francisco Gonçalves e o Snr. João Gonçalves.

Amanhã—A menina Durvalina Barros de Azevedo.

Segunda-feira—A Snra D. Delfina Fernandes da Rocha e a Snra D. Margarida Rosa Dias Pereira.

Passou no dia 21 deste mês o seu aniversário natalício, o nosso amigo e assinante snr. Alberto da Silva Pereira, ausente em Sá da Bandeira Angola.

Os nossos parabéns.

HUMORISMO

Entre amigos

—Tenho que deixar de beber.

—Sim? Então, por quê?

—Vejo tudo a dobrar...

—E só por isso vais deixar o vinho?

—Que queres então que faça?

—Faz como eu; fecha um olho.

No Quartel

Sargento:—Algun dos recrutas sabe música?

—Eu! meu sargento.

—Então ficas encarregado de mudar o piano do comandante para a casa nova.

Entre amigos

—Estás arreliada?

—Se te parece! A Júlia confiou-me ontem um segredo e eu não to posso contar...

Por que?!

—Porque me esqueci.

Visado pela Censura

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

zoáveis lavradores que procuram bastar-se a si próprios, e ainda conseguem amealhar algumas economias, mantem-se aqui de pé o mais louvável conservantismo; é das poucas freguesias onde o sagrado culto das tradições familiares não entrou em decadência.

Posta a considerável altitude, não é fácil passarem despercebidas certas circunstâncias determinadas pela sua posição topográfica de especiais características montanhosas.

Uns primeiros habitantes ter-se-iam desprendido dessas remotíssimas estâncias da pré-história, como as Cadeiras; e, vindo instalar-se por estes abrigos da serra, em seus declives ou no cimo das colinas e dos outeiros, onde hoje se levantam, em compacto aglomerado urbanístico, as habitações de seus descendentes, num encadeamento de gerações milenárias, de filhos que viram a luz do dia ou abrem os olhos à da eternidade entre as mesmas quatro paredes de velhos pardieiros desfeitos, ainda hoje um mesmo berço serviu de leito a múltiplos avós!

Velhas construções, em que o granito musgoso e curtido do tempo, dão a impressão de castelos roqueiros, os postigos e as janelas estreitas, como a porta de um forno, ao lado do parapeito os cachorros salientes servem de floreiras, sustentando os «cacos» dos cravos, como lhes chamam por serem o fundo ou o gargalo partidos do cântaro da fonte.

É também a velha casa da atafona, que há muito não rala nem mói o milho da eira, porque a substituíram com vantagem os muitos moinhos estendidos ao longo dos ribeiros que descem dos montes e se precipitam em cachoeiras por leitos profundos e ensilvados, ou se ramificam em levadas e regueiros que alimentam as hortas e as veigas.

Deste elevado torrão natal, muitos de seus filhos, e entre eles o autor destas linhas, têm partido a ligar os seus destinos a outras terras e outras gentes; mas todos se acham irmanados, de perto e de longe, pelo mesmo sentimento de afecto ao pátrio lar.

TORRE

Assenta em terreno pouco acidentado entre Fiscal e Caldelas. É fértil de todos os produtos agrícolas da região, especialmente vinho verde.

Foi antiga vigairaria da apresentação do reitor de S. João de Coucieiro, motivo por que apresentava anualmente contas de sua fábrica ao superintendente e Visitador Geral, na província de Entre-Minho e Douro, das igrejas das comendas da Ordem de Cristo.

Oraço-Santa Maria (Nossa Senhora da Assunção).

Consta dos lugares do *Ribeiro, Medelo, Lagarteira, Caselinas, S. Gens, Pocinho, Fonte, Monte, Lage, Paço, Aldeia, Fundevila, Eiravedra, Eirado e Igreja.*

Em 1706 tinha 75 vizinhos; em 1875 ia em 77 com 290 almas; actualmente 86 por 424 habitantes, donde se conclui que existe uma população estacionária.

Segundo a autorizada opinião do ilustríssimo abade de Caldelas, uma pedra que a título de segurança se encontrava sobre o muro do quintal da residência, e ainda atada com arames aos ferros da «lata», ela pertencera a uma antiquíssima construção de estilo mudár e foi a parte cimeira de uma janela geminada da torre que deu o nome a esta freguesia. Esta pedra foi transferida para Braga, já depois de colher este apontamento.

A matriz tem sobre a porta principal a era de 1858, com certeza da construção. Por se ter comemorado no ano findo o centenário, não se pouparam os fregueses a despesas e sacrifícios, procedendo as obras de reparação geral, levantando-lhe de novo os tectos com esmerado gosto, e, neste ponto, pena seja que o do corpo da igreja não tivesse ficado a igualar o da capela-mor.

(Continua no próximo número)

CARTA DE VIEIRA DO MINHO

UM DEPOIMENTO

(Continuação da 1.ª página)

os assuntos vamos àqueles em que falamos como testemunha ocular. Capaz de o dizer aqui, no lugar próprio em Braga, até no Ministério em que se assenta um Homem que é a nova esperança de tantos.

O clero no panorama local de Vieira — Parece que devia dispensar-se o clero de referências até porque não é ele o causador de qualquer campanha. Muito mais parece supérfluo discutir-se os sentimentos de religiosidade nas autarquias. Não nos consta que o exercício das funções obrigue a ser-se católico. Mas se tem de referir-se a acção dum magistrado administrativo, o que ele tenha feito ao sacerdote telo-á feito simultaneamente ao munícipe. Aqui merece reprovação. Maior ou menor devido ao *munus* que exerce, isso depende dos sentimentos de quem julga. Não importa aqui agravar por esse efeito.

O que importa é mencionar-se, com habilidade saloia, o pretender-se que a autoridade eclesiástica possa surgir a saciar os direitos de cidadão do presbítero, quando se não pensa na ofensa grave que tenha surgido dos maus tratos que os permitiram sem reacção.

Vamos aqui ver até que ponto neste caso a verdade pode identificar-se sem esforço.

Diz o jornal sem peias: «em mais que uma freguesia foram apedrejadas e alvejadas a tiro residências paroquiais.» O facto é grave mas indesmentível, não o perderemos tempo a falar nele porquanto não foi contestado nem o será. Estes casos geraram descontentamento da classe, que aqui foram mencionados como sendo de todos com uma ou duas excepções, estas para confirmar a regra. De lá respondeu-se que o descontentamento envolvia um ou dois.

Se aqui, em Braga ou em Lisboa quiserem saber como efectivamente dissemos a verdade, não precisam de gastar muito tempo, nem ir longe, até não precisam de deslocar-se porque iremos onde quiserem e em cinco minutos vêem tudo.

Quando desprestigiam os elementos do clero, desconhecem a hierarquia da Igreja; quando lhe sentem a reacção vão pressurosos pedir a intervenção dos superiores. Aham que deve castigar-se quem é exemplar na sua função e pretendem ficar imunes em deslises que pedem o mais severo castigo.

A venda das casas da Misericórdia — A nossa legislação segue a orientação de respeitar a vontade do testador independentemente das conveniências que possam alegar-se.

Ela é saberana e da sua de-

fesa sai o incentivo para os que vivem e têm de dar. De resto, quem dá, tem em regra a vontade de ver a sua dávida sobreviver ao tempo. Não é tanto uma vaidade, pois esta não se coaduna com o espírito da caridade, mas é uma maneira legítima de ver garantido o melhor destino do seu património.

O Visconde de Guilhofrei mencionou expressamente, os dois prédios de Braga, para a Misericórdia de Vieira. A sua vontade foi, de resto, denunciada por diferentes maneiras. A Misericórdia não precisa de dinheiro pois tem largos rendimentos. A venda surge, pois, sem nada que a recomende.

Sem a mais leve consideração pela inteligência de cada um diz-se que todos estiveram de acordo. Hoje, lida a proposta aprovada, verifica-se como é irónico o atestado que o proponente, como bom médico, passa aos mesários. Hoje já ninguém duvida do que lá se passou mas só os documentos puderam destruir o que tão gratuitamente se afirmou.

O tempo e o espaço não nos deixam continuar. Veremos se pudermos prosseguir no próximo número.

Assina e propagai a «Tribuna Livre»

RESPOSTA ao SENHOR A. C.

DE RUIVÃES - VIEIRA DO MINHO

Antes de me referir ao contexto da «Carta de Vieira do Minho, de Ruivães», publicada no penúltimo número deste semanário, cumpre-me fazer as seguintes declarações para justificar a razão que me leva a responder ao Senhor A. C..

Respondo porque sei e toda a gente aqui o sabe, que a pessoa visada nessa local sou eu. Não nego que nasci só «para 5», sem poder chegar «a 10». Por isso, não discuto os problemas da alta política, porque escapam ao meu poder de análise e de apreciação. Sou dos que julgam a política dos Governos através dos homens que a representam no meu concelho. Se estes abusam do mando e fazem uma administração de compadrio—sou contra a política deles. Se fazem do mando o símbolo da Justiça e administram o herário municipal com equidade e acerto—sou pela política deles.

Dito isto para que bem se julgue o que passo a escrever, gostosamente respondo ao Senhor A. C.:

Quando da campanha elei-

toral de 1945, entrei no movimento da «oposição» que, neste concelho, tomou grande vulto, mais para se demonstrar superiormente que o povo de Vieira do Minho estava descontente com as suas autoridades administrativas, do que por outra razão. Assim e apesar da «oposição» ter persistido de ir às urnas, a percentagem de votos em relação ao número de eleitores inscritos, foi, pela sua magreza, altamente significativa. Recordo-me de que na assembleia desta freguesia a percentagem foi sintomaticamente baixíssima, embora a «oposição» não tivesse então a servi-la—ainda cá se não encontravam—os agora inseparáveis amigos do Senhor A. C. e incansáveis paladinos da causa do Senhor Humberto Delgado.

Disse um dia alguém que, «na política, o que parece, é». Assim se compreende que o Senhor A. C. se tivesse esquecido, durante a última campanha eleitoral, de gritar, como agora,—Viva Salazar—para cruzar os braços e emudecer numa atitude própria de caçador de espera, en-

quanto eu, o «adesivo», conscientemente sacrificava os interesses da indústria que exploro e perdia amigos... Nem eu «sou adesivo de ocasião», visto que, a partir de 1947, sempre me tenho batido, aberta e lealmente, ao lado do actual Senhor Presidente da Câmara em todas as campanhas eleitorais, sem a ambição de merecer «cargos da inteira confiança da situação».

Ao Senhor A. C., que se afirma Salazarista, mas que negou a sua ajuda aos que, de alma e coração, se bateram em defesa do Governo, contra o homem que iniciou a sua propaganda eleitoral com o mais injusto e afrontoso insulto a Salazar, eu pergunto: mereço o seu escárnio, só porque não segui o seu exemplo?

De resto, não reconheço autoridade para censurar a minha atitude política, quem depois de monárquico, foi democrático, para mais tarde, se dizer nacionalista.

Para provar a «desorganização que lavra nesta freguesia», o Senhor A. C. diz que as pessoas de maior representação, no número das quais modestamente se inclui, não foram convidadas para fazer parte da comissão que foi «ao Porto tratar do caso da electrificação de Ruivães».

(Continua na 5.ª página)

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva. Efectue hoje mesmo, os seus seguros,

MONOGRAFIA

DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 20

(CONTINUAÇÃO)

Naquele mesmo plano de *aquae calidae*—águas quentes, caldas, está sem dúvida o caso de *rivus calidus*—rio caldo, fenómenos de uma normal evolução fonética; porém, o étimo de Jurês ou Gerês é questão quase indestrinçável, porquanto os termos latinizados *Jurezum* ou *Juressum* e *Giresium* provêm de adequada retroversão e não de versão que deles se fizesse para português.

Demais, considere-se:

Estariam os Romanos, povo aliás inteligente e observador, perspicaz como a águia que usava por símbolo, à espera de descobrir as termas para baptizar um acidente de primeira categoria como era o grande massiço, o mais importante de toda a Galécia ou Galiza?

Não lhe teria desde logo sido imposta uma denominação, da natureza e origem de seus primeiros povoadores, como aconteceu a toda a vasta província, quando esses primitivos povos celtas da Gália vieram habitá-la?

Pela mesma ordem de ideias, que em toda a terra que os romanos vieram dominar encontraram os *Galaicos*—aqui, particularmente nesta região, não estariam estabelecidos os *Jureses* oriundos dessorra parte da mesma Gália—a cordilheira do Jura—os quais, trocando, como seria natural, pendores por pendores da montanha, mais facilmente apagaríamos saudades de uma pátria tão semelhante, situada nos confins da França com a Suíça?

Sabe-se, especialmente por confissão de Plínio, que estes galaicos ou brácaros, que habitavam a serrania, foram muito difíceis de conquistar. Ainda por demais, tinham a favor da sua defesa as densas florestas de carvalhados multisseculares; escondiam-se nos troncos dessas árvores carcomidas e daí faziam as mais inesperadas sortidas contra as legiões de Bruto.

Dessa primeira impressão e forma de trato com o inimigo persistente e vencedor, estes bravos Lusitanos do Norte mereceram honroso, histórico epíteto de *Querquenos*, que pode traduzir-se por «carvalheiros».

Compreenderam os Romanos por amarga experiência o altíssimo valor deste reduto natural, quanto a região era verdadeiramente defensável e assentaram por aí seus arraiais —*Campo do Gerês*, conjuntamente algumas citânias ou cidades que segundo o «Itinerário de António» e as opiniões dos antigos geógrafos e historiadores, assim se localizam, mas só de modo muito vago identificam:

Aquae—Origines, junto às nascentes do Homem, distante de Braga 40 milhas, passava perto a via militar.

Aquae—Querquena, distava da anterior 14 milhas para a banda e Bergido (El — Bierço — seria Bergaço) igualmente nas proximidades da via militar romana.

Se nas ciências exactas conseguem demonstra-se teoremas por sobreposição e semelhança, tenha-se na devida conta o que diz a respeito de Chaves o «Livro das Antiguidades»... de João de Barros: «chamava-se Aquae — Flaviae porque estavam ali junto uns banhos ou fontes quentes».

Por conseguinte, que outras poderiam ser as *Querquenas* senão as águas quentes do Gerês?

Ressalta à vista que o acidente mais notório que os Romanos aqui, encontraram, além da serra que já deveria ter nome por saberem de longe quem eram os respectivos habitantes, foi a proverbial frondosidade dos arvoredos que a revestiam; da sua principal espécie apelidaram depois os homens e o que de mais importante aí descobriram.

Até esse rosário de albufeiras, que se encadeia em seus limites e propicia o ambiente de serenidade e calma das águas em repouso, lhe empresta o cunho da paisagem helvética e aumenta de modo extraordinário, pela curiosidade e encantos, a concorrência de turistas e forasteiros.

Escreve Júlio César Machado na «introdução» ao livro de Ramalho — *Banhos de Caldas e Águas Minerais* — que «a vida moderna faz doenças novas que encontram alívio no descanso e na distração» e, na verdade, é tão acertado o juízo desta asserção que nem carece de comentários.

E, em tal persuposto, quem quiser retrair-se temporariamente do bulício atordecedor do mundo moderno, a retemperar os nervos e o cérebro das lutas da vida e das fadigas mentais, onde é que poderá encontrar maior sossego que aquele que a própria natureza infunde neste soberbo isolamento das serras, que lhe servem de muralhas, e sempre foi apetecido de poetas, prosadores e artistas?

* * *

Pelas moedas de Galiena e Constácio encontradas no local, em 1897, está hoje provado que os Romanos experimentaram o poder destas águas medicinais, o que já era aceitável, vista a grande importância que dispensaram a tantas outras dispersas pela península e nas quais deixaram seus notáveis monumentos.

(Continua no próximo número)

Os Secretários das Câmaras

(Continuação da 1.ª página)

ma política que maus servidores desprestigiaram, parecendo esquecer os sacrifícios e a grandiosa obra do Estado Novo.

Ao lermos os artigos de fundo da imprensa diária e sobretudo da imprensa regionalista, esta conhece melhor os problemas «in loco», e os comentários aos discursos do Ilustre Titular da pasta do Interior, não podemos regatear encómios e aplausos e também dizemos: — Muito bem, Senhor Ministro!..

Diagnosticou-se a grave e já cancerosa doença nos quadros administrativos. Casos que se concretizam e são do domínio público, surgem aqui e além e urge sem demora aplicar-lhe o mais eficaz remédio. Mas é preciso para solução cabal, que se não parta do princípio que a causa está só na acção dos presidentes dos municípios.

Constata-se, que o mal estar, a agitação e o pomo de discórdia na política e a má administração cabe na maioria dos casos aos Chefes de Secretaria, que desvirtuam a sua missão e se atribuíram funções que nunca deveriam exercer.

Assistimos a esta anomalia: o presidente do município, em muitas das vezes não teve outro título de recomendação para o desempenho da função senão o rótulo de boa pessoa. Ora isto, nem sempre é verdade e nunca é bastante e daí o facto do Secretário lhe invadir as funções, lhe tomar o pulso, de dominar. Por isso mesmo queremos dizer a quem de direito que em alguns concelhos se faz uma política detestável e de incongruências, com reflexos de toda a ordem porque o Secretário da Câmara se arrogou o direito de comandar a política local, servindo-se das artimanhas que um presidente inepto ou menos idóneo aceita sem relutância.

Ora, se uns e outros, se convencessem que não são os verdadeiros Senhores da terra, mas apenas *superintendentes temporários* e inseguros de leis mutáveis e que na morte darão contas a Deus e na vida aos povos, que analisam todos os seus actos, como tudo seria diferente!..

Um Chefe de Secretaria que ultrapassa as suas atribuições pode levar o seu presidente a agonizar no temor e a morrer na infâmia.

Quantos são actores e prestidigitadores quem se alimentam do orgulho e ilusão do poder e que passam pelos lugares embriagados, por aquela embriaguês que leva à imbecilidade, ao furor e à demência política?..

Mas se a função de Presidente de Câmara não é vitalícia, como poderá tolerar-se por outro lado, que as de Chefe de Secretaria, o sejam e este arvore em guia político dum concelho em detrimento dos serviços penden-

tes do seu cargo, armando conflitos e fazendo a política nefasta do obstrucionismo e da persiguição?... Com isto é que não concordamos!.. Se aos presidentes das Câmaras é limitado o exercício das funções, limitem-se igualmente aos chefes de Secretaria por um determinado período para que a acção destes não degenerem em abusos e excessos. Que ele se conserve na Secretaria do seu gabinete, pontual, assíduo, atencioso, cumpridor e zeloso e que nunca desça à arena da política para influenciar nas deliberações do presidente e de sua vereação, quando sobretudo há incompetência manifesta, *de quem não tem jeito nem sumo!*..

De contrário, ele aí estará nos assuntos da Câmara, da Santa Casa da Misericórdia, na Comissão Municipal de Assistência, na União Nacional, na Comissão Venatória, no Grémio da Lavoura, na Casa do Povo e na escolha das Juntas e do Regedor!..

Ei-lo, portanto, a ser o pomo da discórdia, por ter invadido campos de actividade onde não é chamado o exercício das suas funções.

Na maior parte dos descontentamentos que conhecemos, a opinião pública insurgem-se contra o Secretário do Município e dirige-lhe as maiores acusações. Quase sempre o considera o «mandão» e, efectivamente, quase sempre tem razão.

RESPOSTA AO SENHOR A. C.

(Continuação da 4.ª página)

afirmando que a comissão era composta, em parte, por «gente do Senhor Humberto Delgado».

Informação do Grémio da Lavoura de Amares Concurso de podadores de fruteiras

Organizado pelo Grémio da Lavoura de Amares, e orientado pelo Posto Agrário de Braga, realizou-se na área do primeiro dos referidos Organismos um curso de podadores de árvores de fruto.

O júri, constituído pelos senhores: Eng.ºs Madeira Lobo e Simões de Vasconcelos, e regente agrícola Luis Frei de Andrade, o primeiro da Estação Agrária do Porto e os últimos, respectivamente, Director do Posto Agrário de Braga e funcionário do mesmo Organismo, submeteu os alunos a um rigoroso exame prático, tendo todos demonstrado a sua boa preparação.

Assim, fica enriquecida a lavoura do nosso concelho, que passa a dispôr de indivíduos aptos para a prática daquelas podas.

É de louvar esta iniciativa, pois só vem beneficiar a tão necessitada lavoura do concelho.

Milhos Híbridos

Aos senhores associados que estejam interessados na aquisição de milhos híbridos para semente, pede-se o favor de fazerem a sua inscrição no Grémio da Lavoura, até ao dia 4 do próximo mês de Março, esclarecendo que não serão atendidos todos aqueles que se apresentarem em data posterior.

Porque o Senhor A. C. fez parte dessa comissão e foi até quem orientou e convidou os seus componentes, tenho de admitir que esta sua afirmação resultou duma súbita amnésia, pois não quero convencer-me de que faltou à verdade, só para tirar efeitos de baixa política. Mas que parte da Comissão era composta de «gente do Senhor Humberto Delgado», não há dúvida. Sua Ex.ª aqui afirma a verdade, de lamentar sendo apenas que se haja esquecido de esclarecer que essas pessoas foram convidadas por si.

Resta-me pedir a Sua Ex.ª que nos diga quais os melhoramentos que fez nesta freguesia e até no concelho, quando ocupou um dos tais cargos da situação. Quanto à construção de escolas, do arranjo e pavimentação dos principais caminhos e arruamentos, à beneficiação de fontes públicas, ao abastecimento de águas, à ligação do lugar de Zebral com a estrada Florestal, à abertura da estrada para Campos, à construção de pontilhões, julgam os seus conterrâneos deverem tudo isso à actual Câmara da mui digna Presidência do Ex.º Senhor Dr. Guilherme de Abreu.

E porque Sua Ex.ª promete continuar a escrever, o resto fica para a próxima resposta, visto que nos sobejam pedras para partir os vidros do seu telhado.

Ruivães, 23 de Fevereiro de 1959.

Manuel Fraga

Visado pela Censura

ALAMBIQUE

Vende-se um Alambique completo e em bom estado

INFORMA-SE NESTA REDACÇÃO

Tribuna Desportiva

Vaticínio

A jornada do passado Domingo quase nos deixou esclarecidos quanto ao campeão, e dizemos quase, porque em futebol tudo é possível acontecer. O Benfica ao empatar com o F. C. do Porto, assegurou a diferença de três pontos, o que será mais que suficiente para lhe garantir este título tão desejado por toda a família benfiquista. Nos últimos postos, nada está esclarecido em definitivo. A quatro jornadas do fim da prova, ainda só se conhece um Caldas incapaz de escapar à chamada zona perigosa, pois os restantes ainda se podem revezar entre si. Se verificarmos os jogos que cada um dos condenados têm ainda de disputar, poderíamos talvez dar uma ideia da possível classificação final, mas o futebol tem por vezes desfechos caprichosos, e nós, não queremos tentar esboçar qualquer opinião a este respeito, até porque as surpresas aparecem quando menos se esperam. Vejamos o caso do Barreirense-Torriense, efectuado no passado Domingo no Barreiro. Não havia ninguém que vaticinasse uma vitória Torriense, mas a verdade é que esta surgiu. Analisemos a jornada do próximo domingo e vejamos o que ela nos pode fornecer.

(*Em Braga*) O Sp. Bracarense recebe o Barreirense no seu estádio. O clube minhoto, continua sem guarda-redes em condições de poder alinhar e isto preocupa seriamente os responsáveis. Além disso, a derrota sofrida no Restelo, bastante volumosa, indica bem que a equipa não está no melhor momento. O adversário também foi batido e em piores circunstâncias. Um jogo difícil de vaticinar, mas vamos tentar este resultado, salvaguardando qualquer contrariedade: *Braga 3 Barreirense 1*

(*Em Torres Vedras*) O Torriense recebe no campo das Covas o onze de Guimarães. O Vitória nada tem a perder e o Torriense vencendo pode melhorar a sua posição. Animado pelo resultado obtido no Domingo anterior, o grupo local não deixará escapar a oportunidade. *Torriense 2 Guimarães 1*

(*No Barreiro*) A Cuf recebe no seu parque de jogos o Caldas que é apontado como um daqueles que abandonará a prova máxima do futebol nacional. Os caldenses obrigaram no passado domingo os leões a cederem um ponto, mas desta vez jogando no campo do antagonista, não evitarão a derrota: *Cuf 2 Caldas 0*.

(*Em Alvalade*) Os campeões nacionais continuam a remodelar a sua equipa com vistas ao futuro. Neste jogo em que fêm pela frente os estudantes, os leões vão procu-

rar desferrar-se da derrota sofrida em Coimbra. A turma escolar tem melhorado muito e pode realmente conseguir um bom resultado em Alvalade: *Sporting 3 Académ. 1* (*Em Évora*) O Lusitano recebe em casa os «Leões da Serra» Mais duas equipas que se não podem considerar livres de perigo. Jogo renhido não há dúvida mas o factor casa virá à mó de cima: *Lusit. 2 Cov. 1* (*Em Setúbal*) Os sadinos recebem o comandante. Um jogo difícil para o Benfica, que nesta altura tem tudo e todos contra si pelo simples facto de ir à frente. Todos gostam de tombar gigantes e estamos certos que os setubalenses vão lutar para baterem o pé aos encarnados. A turma da Luz está moralizada, vai à frente e está agora a jogar melhor, o que nos leva a crer que não se deixará surpreender. *Setúbal, 1-Benfica, 3*.

Finalmente temos o *Porto-Belenenses*. Outro jogo grande, o u t r a lotação esgotada com certeza. Outro maravilhoso espectáculo e uma incógnita no resultado. O F.C.P. joga em casa mas não esquece que o Grupo de Belém está o jogar bem. Quem vencerá? Seja qual for o vencedor o que desejamos é que seja um bom espectáculo. Vaticínio: *Porto 2 Belenenses 1*.

M. Janela

TRIBUNA DO CONCELHO Goães

(Continuação da 3.ª página)

meses que dormia num berço junto do lar. Os pais da criança, Manuel Joaquim Fernandes e Ana Coelho saíram a ver quem foi o autor de semelhante caso, mas prevenido que se tratava de pessoas amigas e se humilharam, serenaram a questão comprometendo-se a não voltar a fazer tais serviços.

Outro caso

No dia 13 deste mês também o Senhor Virgílio da Silva Coelho, casado comerciante do lugar da Corredoura, tendo adquirido uma dessas bombas Carnavalêscas, lembrou-se de a queimar para evitar que as crianças a apanhassem, mas foi mal sucedido. Aproveitou-se de uma luz de carbonêto para a queimar e como este fogo é mais forte não deu tempo de a jogar ao chão, e rebentando-lhe na mão, ficou sem as pólvas do dedo pulgar, indicador e maior, da mão direita. Recorreu à Casa de Saúde Amares, onde recebeu o

(Continuação da 1.ª página)

Os indivíduos, ofendidos ou desatendidos nos seus direitos, quando não podem recorrer a órgãos de eficiência coerciva, querem levar o seu caso — e aqui permitam que sublinhe e repita — o seu caso ao conhecimento do Juiz público, essa consciência geral, esse senso comum, essa justiça imanente na sociedade.

Para o que busca justiça, essa possibilidade de levar os factos ao conhecimento de tal juiz e de os ver, se não remediados, pelo menos condenados, é, à falta de melhor, solução que satisfaz.

Se a função de justiça é coisa importante, muito importante coisa é a rádio, muito importante coisa é a televisão, é coisa muito e muito importante a imprensa. (Entre parêntesis e com vista a possível objecção é tão importante um jornal que até pode denunciar ao supremo juiz outro jornal que quisesse informá-lo)...

Esta função e importância da imprensa tem como natural consequência que os homens dos jornais e sobretudo os responsáveis por eles são, entre nós como, suponho, em qualquer parte, quem mais procurado é pelos que buscam justiça, quem melhor sabe o que se passa e acontece por aí além, quem melhor pode emitir juízos de valor sobre a obra e actuação de um regime político ou de um governo.

Esta situação ou estas características foram o que determinou há cerca de dois anos, que os responsáveis pelos jornais do distrito de Braga se reunissem, que atrás deles viessem os colaboradores, correspondentes daqui e dali, e até simples simpatizantes.

Houve uma reunião, houve outra e, sem estatutos, sem formalidades (ai, as formalidades!), sem presidente, aí temos o que já se vai chamando *A Conferência da Imprensa*.

Posteriormente, situações com que deparamos e alguns acontecimentos ou oportunidades surgiram a revigorar este

tratamento; mas fica sem parte desses tres dedos e impossibilitado de fazer, escrituração, barbear-se etc. Não se deve brincar com pólvora.

Lar caído

Em fins de Janeiro p. p. quando fazia o caldinho para si e para os seus filhos, Maria Esperança de Sousa Vieira, viúva, do lugar da Venda, desta freguesia, caiu com os filhos juntamente com as pedras do lar a uma corte, por as mesmas pedras estarem sobre madeiras velhas, ferindo-se a mãe e um filho que foram transportados para o hospital, onde ficaram internados. Casas mal construídas, resultam misérias, sobre misérias.

A. P.

intercâmbio, estas reuniões, este mútuo e geral interesse que a gente nova dos nossos jornais e os que neles escrevem têm manifestado.

Desde logo o espírito de «coutada» que encontramos a dominar a política e os políticos do Distrito. Escolhendo-se — o termo não está bem — buscando, melhor, seis ou sete nomes, nestes recaem todos os cargos desde os administrativos, aos de utilidade pública administrativa, aos políticos, incluindo deputados, procuradores à Câmara Corporativa, Comissão Distrital da U. N., etc, etc. E não foi por acaso que dissemos *espírito de coutada*. É que os mais intransigentes dos senhores do couto opuseram sempre e opõem uma barreira de ferro à entrada de gente nova nos seus domínios: nós, com aquela dôr e mágoa que só sentem os que vivem a Situação pelos seus princípios e não pelos proventos ou benesses que dela ou à sua sombra se podem colher — assistimos ao decidido afastamento de alguns dos maiores valores que a cidade e a região possuem.

Os senhores de cá só têm uma atenuante: é que o mal é de todos os concelhos do Distrito e parece até, infelizmente, que é de quase todo o País.

No nosso Distrito, há casos que clamam se lhes ponha cõbro: aqui e ali é um diplomado de valor que é indicado para um cargo de grande eficiência junto da nossa juventude e que é afastado porque um dono do couto não consente; é um profissional de valor que vai abrir casa particular porque uma instituição da cidade lhe fecha as portas, embora não tenha quem o substitua; é uma nulidade ou um apático, que é chamado para um cargo, só para que não vá este cair nas mãos de quem tenha valor; é um punhado de nacionalistas de valor que, neste e naquele concelho, são ostensivamente postos à margem, e, em alguns casos, que os há, até caluniados e chamados aos tribunais pelos mais altos elementos oficiais da terra, sem respeito mesmo pelo valor e pela missão respeitável deste e daquele; é a doentia persistência em manter situações gritantes de incapazes e até de alguns maus em lugares de responsabilidade, depois do clamor que pede solução até para actos que até caíem na alçada dos tribunais.

E tudo isso e o mais a que não é decoroso sequer aludir mas que nós podemos referir e concretizar, se o Governo quizer fazer um inquérito político no Distrito de Braga.

* * *

A última campanha eleitoral surgiu numa altura que, no aspecto político e no que se refere ao Distrito de Braga, tem de ser considerada *à pior em que poderia surgir*.

Muitos determinantes da ordem geral podem criar por

vezes situações locais frias e até más. A pobreza de uma região, uma crise, uma solução política buscada com ansia e com expectativa e esperança e convertida em desilusão, tudo são causas de maior ou menor contentamento, de maior ou menor mal estar.

Poucos meses da campanha, tinha havido necessidade de escolher mais uma vez a Assembleia Nacional. A maneira como a mocidade se conduziu e o que depois se viu seguir-se constituíram forte desilusão.

Nos concelhos do Distrito continuou tudo na mesma. É caso para repetir e insistir: *tudo absolutamente na mesma*.

Na sede do Distrito, enquanto todos os sectores da vida pública continuaram no *status quo ante*, constituiu-se o mais responsável e importante dos órgãos políticos, a U. N. à última hora, já em plena campanha eleitoral, quase em segredo, dando-se-lhe posse em ambiente de muito restrita velada de armas, nocturna, como se o acto político de que se tratava não fôsse o mais importante que pode surgir num Distrito.

Atingida certa evolução e certo momento da campanha, aqueles que estavam acostumados a brincar às campanhas e às eleições e aos discursos constataram que o caso era sério, um pouco tarde, sem atentarem sequer em que a imprensa do Distrito havia clamado desde o princípio. Se alguém duvidar, tem as colecções à ordem na Biblioteca Pública.

Eu devo dizer que a atitude de imprensa foi um caso em que nós pensamos e não se tomou por acaso, mas porque entendemos que devíamos saltar para o campo da batalha.

E aos que se queixaram de que, ao fim e ao cabo, tudo iria continuar na mesma, respondeu-se que sabemos quais tem sido as reclamações de há muito feitas e que continuaríamos a fazê-las, quando e como nos fôsse consentido, na certeza de que — e nisso todos assentaram com firmeza — se a situação Política que era preciso defender não satisfaz, a que porventura, ou desventuradamente, viesse, era, ao certo, pior.

E aqui está a razão desta primeira reunião após o acto eleitoral.

Dissemos que, depois, continuaríamos a apontar os erros e a fazer as reclamações.

Cá estamos para isso.

(Continua no próximo número)

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.